OBSERVARE
Universidade Autónoma de Lisboa

e-ISSN: 1647-7251
Vol.7, Nº. 1 (Maio-Outubro 2016), pp. 102-111

JANUS.NET
e-journal of International Relations

Notas e Reflexões

ENCONTRO DE FRANCISCO I E KIRILL I: PEQUENO PASSO NUMA APROXIMAÇÃO CHEIO DE INCERTEZAS

José Milhazes
zemilhazes@hotmail.com
Licenciado em História da Rússia pela Universidade de Moscovo (Lomonossov) em 1984 e doutorado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2007.
Entre 1989 e 2015 trabalhou como correspondente de vários órgãos de informação, nacionais e internacionais, na Rússia. Autor de numerosos artigos e livros sobre relações entre Portugal e a Rússia, política da URSS nas ex-colónias portuguesas de África e relações entre o Partido Comunista Português e o Partido Comunista da União Soviética.
Leccionou em universidades russas e portuguesas. Actualmente é comentador de assuntos internacionais da SIC e RDP e colunista do Observador.pt (Portugal).

O primeiro encontro entre um Papa de Roma e um Patriarca de Moscovo e de Toda a Rússia, realizado em Havana a 12 de Fevereiro passado, foi realmente um acontecimento histórico, facto reconhecido unanimemente por todos, mas não se pode criar grandes ilusões, pois Francisco e Kirill apenas deram um pequeno passo de aproximação entre as duas maiores igrejas cristãs num clima de desconfiança milenar. Recorrendo a uma alegoria frequente na natureza russa, o cabeça da Igreja Católica e o chefe da Igreja Ortodoxa começaram a pisar uma camada de gelo muito fina que cobre um rio ou um lago, mas que pode partir a um movimento mais brusco.

Preparação do encontro

A preparação do encontro em Havana foi realizada no maior dos segredos, ao nível da mais escondida diplomacia, e o anúncio do acontecimento foi feito a poucos dias da sua realização.

Em Junho do ano passado, o metropolita Ilarion, que dirige a Secção de Relações do Patriarcado de Moscovo, admitiu essa possibilidade "numa perspectiva próxima", mas sublinhando que o encontro deveria ser "cuidadosamente preparado" e "realizar-se em território neutro" (Ilarion, 2015).

Todavia, esse tipo de promessas já tinha sido feito antes, mas sem qualquer resultado positivo. Muito se esforçou o Papa João Paulo II na normalização das relações entre ortodoxos russos e católicos, tendo até sido marcado um encontro do chefe da Igreja Católica Romana com Alexis II, na altura Patriarca de Moscovo e de Toda a Rússia, na

Áustria, que acabou por não ocorrer (Lima, 2016). Foram precisos 20 aturados e difíceis anos de conversações para que o encontro dos dignitários máximos da Igreja Ortodoxa Russa e do Vaticano se encontrassem.

Moscovo acusava a Igreja Católica de desenvolver missionação (proselitismo) no seu "território canónico": Rússia, Bielorrússia e Ucrânia, bem como os greco-católicos ou uniatas ucranianos, cristãos que seguem o rito oriental, mas que reconhecem a primazia do Papa no mundo cristão, de ocuparem templos pertencentes à Igreja Ortodoxa Russa.

O segundo desses problemas não encontrou ainda solução e no interior da Igreja Ortodoxa Russa existiu sempre uma forte oposição à aproximação com os "hereges". Por isso, o encontro foi anunciado apenas a 5 de Fevereiro, para apanhar de surpresa os seus opositores.

Nesse sentido, a cidade de Havana também não foi escolhida por mero acaso. Era difícil encontrar um local mais neutro do que Cuba: por um lado, do ponto de vista geopolítico russo, esse país ainda faz parte da sua zona de influência e, por outro lado é parte do mundo católico.

O encontro não se poderia realizar em Moscovo, porque, actualmente, é difícil imaginar uma visita de um Papa de Roma à Rússia. Tanto mais de uma figura popular, humilde e carismática como é Francisco I. Tratar-se-ia de mais um pretexto para críticas da parte do clero e leigos ortodoxos que continuam a ver no Bispo de Roma um "herege".

A reunião também não poderia realizar-se no Vaticano, pois a ida de Kirill aí seria certamente interpretada pelos mesmos círculos conservadores e nacionalistas russos como um sinal de reconhecimento do Papa pelo Patriarca de Moscovo como chefe da Igreja Universal.

A pedido do chefe da Igreja Ortodoxa Russa, o encontro também não se realizou no continente europeu, pois este simboliza a divisão dos cristãos, por isso, foi decidido organizar a reunião num dos países da América Latina, onde o Cristianismo continua a ser uma força viva e interveniente.

> *"Desde o início que o Santo Patriarca Kirill não queria que o encontro decorresse na Europa, porque precisamente à Europa está ligada a pesada história das divisões e dos conflitos entre cristãos"*,

reconheceu o metropolita Ilarion, chefe da Secção de Relações Internacionais da Igreja Ortodoxa Russa. (Ilarion, 2016)

Mais uma prova de que tudo foi preparado minuciosamente reside no facto de a Declaração Conjunta aprovada em Havana ter a assinatura não do Papa, mas do Bispo de Roma. Isto foi de extrema importância para mostrar que estiveram reunidas duas partes iguais. (Declaração Conjunta, 2016).

Motivos políticos

O encontro do Papa e do Patriarca russo era também de suma importância para este último, pois tratava-se de uma forma de ele se afirmar no mundo ortodoxo antes do Concílio das Igrejas Ortodoxas, marcado para Junho de 2016 na Grécia, de fazer frente ao seu principal concorrente: Bartolomeu, Patriarca de Constantinopla. O Patriarcado de Moscovo receia que este último recebe sob a sua jurisdição Igrejas Ortodoxas que se querem ver independentes da Russa como são os casos da Ucraniana, Estónia e Finlandesa.

Iegor Kholmogorov, um dos ideólogos do nacionalismo russo, escreveu a propósito:

> *"Quanto à influência desse encontro nas relações dentro da Ortodoxia, o Patriarca Kirill volta de Cuba como o líder incondicional do mundo ortodoxo, de facto, o seu chefe informal"* (Kholmogorov, 2016).

Da parte russa, é evidente que este encontro visou contribuir também para reduzir o isolamento do Kremlin face aos países ocidentais e melhorar a imagem do Presidente Putin, fortemente prejudicada pela sua agressiva política externa. O apoio de um Papa tão popular no mundo cristão e não só é de extrema importância num período de relações internacionais tão conturbadas como o actual. Tendo em conta a forte dependência da Igreja Ortodoxa Russa face ao poder laico, é difícil imaginar que esse encontro se tenha realizado sem a "bênção" do Presidente Putin.

Aliás, a preparação do encontro de Havana foi acelerada depois do encontro de Francisco com Vladimir Putin, realizado a 13 de Junho do ano passado. Três dias depois da audiência do dirigente russo no Vaticano, o Papa veio propor que Católicos e Ortodoxos passassem a celebrar a Páscoa no mesmo dia, o que até agora não acontecia. Além disso, posteriormente, observou-se um aumento de contactos entre representantes das duas Igrejas, que desaguaram em Havana.

Não se pode deixar de assinalar que a submissão quase total do poder religioso ao poder político não é uma particularidade actual, mas tem profundas raízes históricas.

A Rus de Kiev foi baptizada em 980 pelo príncipe Vladimir, o Grande. A partir dessa data, a Igreja Ortodoxa Russa era dirigida por metropolitas que se sujeitavam ao Patriarca de Constantinopla. Quando do processo de centralização política, os czares russos consideram ser necessário a criação do cargo de Patriarca da Igreja Ortodoxa Russa, com uma dependência apenas formal de Constantinopla. Essa política tinha por base a ideologia da "Moscovo – Terceira Roma", ou seja, a ideia de Moscovo como sucessora de Bizâncio. Em 1472, Ivan III, o Grande (reinou entre 1462 e 1505), casou-se com a sobrinha do último Imperador bizantino. O grão-príncipe de Moscovo Ivan IV, o Terrível começou a chamar a si os títulos de "autocrata" e "czar" e a usar a águia bicéfala de Bizâncio.

Ideologicamente, esta primeira pretensão universalista de Moscovo foi justificada pelo monge Filoteu de Pskov em algumas cartas dirigidas ao czar Vassili III em 1510:

> *"digamos algumas palavras sobre o actual reinado glorioso do Nosso Senhor mais iluminado e mais poderoso, que, em toda a Terra, é o único czar dos cristãos e o soberano de todos os tronos Divinos, da santa igreja apostólica universal que nasceu no lugar da de Roma e de Constantinopla e que existe na cidade por Deus salva de Moscovo, a igreja da santa e gloriosa Assunção da Virgem Mãe de Deus, que só ela no universo reluz com maior beleza do que o Sol. Fica a saber, abençoado por Deus e por Cristo, que todos os reinos cristãos chegaram ao fim e juntaram-se num único reino do Nosso Senhor, segundo os livros dos profetas, o reino romano: porque duas Romas caíram, a terceira está de pé e a quarta não virá"*. (Milhazes, 2016).

A eleição do primeiro Patriarca da Igreja Ortodoxa Russa: Job, foi impulsionada pelo czar Fiodor, filho de Ivan, o Terrível, em 1589. Na realidade, Fiodor era completamente controlado pelo boiardo Boris Godunov, que lhe veio a suceder no trono russo. (Ulojionnaia Gramota, 1589).

Porém, com o advento do absolutismo, o poder imperial russo passou a controlar completamente a Igreja Ortodoxa Russa. Pedro, o Grande decidiu, em 1700, liquidar o cargo de Patriarca e colocar os ortodoxos russos sobre a alçada do Santo Sínodo, uma espécie de ministério dirigido por um leigo nomeado pelo próprio czar.

Esta situação continuou até 1917, mas, quando a Igreja Ortodoxa Russa elegeu o Patriarca Tikhon, já o país era dirigido por um regime comunista que tinha como objectivo pôr fim à religião enquanto fenómeno social. (Gubonin, 1994). Por isso, até ao fim da URSS, em 1991, essa Igreja, ou mais precisamente, o que restou dela depois de numerosas campanhas anti-religiosas, também dependia totalmente do Comité de Estado para os Assuntos Religiosos.

Depois da queda do comunismo na URSS, assistiu-se a uma "invasão" de religiões e seitas que tentaram preencher o vácuo deixado pelo ateísmo. Vendo-se não preparada para enfrentar a concorrência, a Igreja Ortodoxa Russa exigiu que fossem reconhecidos, pelo poder político, os seus "territórios canónicos" não só na Rússia, mas também em países vizinhos como a Bielorrússia e a Ucrânia.

Pelo seu lado, o poder político, principalmente durante a presidência de Vladimir Putin, iniciada em 2000, tem ido ao encontro das exigências da Igreja Ortodoxa Russa, recebendo em troca o apoio para a sua política interna e externa. No campo da diplomacia, o Patriarcado de Moscovo apoiou o envio de tropas russas para a Ossétia do Sul e Abkhásia, regiões separatistas da Geórgia, em 2008; a invasão da Crimeia e do Leste da Ucrânia em 2014-2015; bem como a participação da aviação russa na guerra da Síria.

Plataformas de entendimento

A Declaração Conjunta aprovada na Cimeira de Havana contém os problemas e preocupações que poderão cimentar o início de um trabalho conjunto das duas Igrejas Cristãs a nível internacional.

Nos parágrafos 8-13, o Papa Francisco e o Patriarca Kirill lançaram um apelo dramático em defesa dos cristãos perseguidos e assassinados no Médio Oriente e no Norte de África, regiões mergulhadas em cruéis guerras civis.

Não podemos passar ao lado do parágrafo 14, onde se saúda o aumento da religiosidade em países outrora oprimidos por regimes comunistas, nomeadamente a Rússia (Declaração Conjunta, 2016). Um estudo realizado pelo Levada Center em Novembro de 2012 na Federação da Rússia parece mostrar isso: 74% dos respondentes afirmaram ser ortodoxos. Porém, é de sublinhar que apenas uma minoria frequenta regularmente templos ou cumpre os deveres religiosos. Segundo a mesma sondagem, 24% dos inquiridos "nunca frequentam um templo", 29% só lá vão aquando de "baptizados, casamentos e funerais" e apenas 7% para se confessar e comungar (Levada Center, 2012). No fundo, a maioria considera-se ortodoxa tendo por base a consciência nacional.

Na Declaração Conjunta, Francisco e Kirill chamam também a atenção para o perigo que encerram em si processos que têm lugar no mundo moderno, como, por exemplo, a secularização e o relativismo, a defesa do aborto e da eutanásia, os ataques contra o conceito cristão de família. Nesta situação, apelam para que a Europa não se esqueça das suas raízes cristãs (Declaração Conjunta, 2016).

Este é, sem dúvida, um dos campos onde a cooperação entre as duas Igrejas Cristãs poderá desenvolver-se com maior intensidade, pois enfrentam os mesmos desafios, mas, nalguns casos, sob diferente forma. Por exemplo, se, na questão do aborto, a Igreja Católica luta contra a sua legalização, a Igreja Ortodoxa luta pela sua proibição. Isto porque, na URSS e, mais tarde, na Rússia, o aborto foi quase sempre legal e, devido à quase inexistência de anti-conceptivos, principalmente na União Soviética, o seu número era muito alto. Nomeadamente, em 1980, foram registados 4 506 000 abortos legais (Rossiiskii Statistitcheskii ejegodnik, 2007). O número tem conhecido uma redução muito significativa (1 186 100 em 2007, ou seja, 66,6 abortos para cada 100 nascimentos) (Federalnaia Slujba gossudarstvennoi statistiki, 2011), mas o Patriarcado de Moscovo continua a considera-lo uma autêntica "matança de inocentes" e tem-se empenhado em campanhas que visem proibir o aborto no país.

Guerra entre cristãos

Os dirigentes das duas Igrejas Cristãs não podiam deixar de abordam o conflito militar na Ucrânia. Primeiro, porque aí vive a segunda maior comunidade ortodoxa depois da Rússia e, segundo, porque na parte ocidental a maioria dos habitantes são greco-católicos (uniatas), cristãos que seguem o rito litúrgico ortodoxo, mas que reconhece a supremacia do Papa de Roma.

Quando a Ucrânia se tornou independente devido à desintegração da União Soviética, em 1991, a elite política ucraniana necessitou também de criar uma «Igreja nacional» a fim de se demarcar de Moscovo. Em 1992, parte do clero ortodoxo ucraniano separou-se da Igreja Ortodoxa da Ucrânia do Patriarcado de Moscovo (IOUPM) e criou a Igreja Ortodoxa da Ucrânia do Patriarcado de Kiev (IOUPK), dirigida, actualmente, por Filarete, Patriarca de Kiev e de toda a Ucrânia, com cerca de 3000 paróquias no país. O Patriarca de Moscovo cortou relações com a nova Igreja ucraniana, considerando-a «cisionista».

Não obstante todos os esforços dos dirigentes ucranianos para restabelecer o diálogo, as duas comunidades ortodoxas continuam de «costas viradas» e as relações entre elas azedaram depois de Moscovo ter anexado a Crimeia em 2014 e ocupado militarmente parte do Leste da Ucrânia, que continua até hoje.

Existe também a Igreja Ortodoxa Autocéfala da Ucrânia (IOAU), que foi criada no estrangeiro entre a numerosa diáspora ucraniana. Em 1989, esta Igreja instalou-se na Ucrânia mas, no ano seguinte, parte do clero e fiéis passou para a IOUPM e parte juntou-se à IOUPK. Actualmente, com cerca de 550 paróquias, a IOAU mantém contactos irregulares com as outras duas Igrejas ortodoxas.

Por sua vez, o mundo católico está representado no país por duas Igrejas: a Igreja Greco-Católica Ucraniana (IGCU) e a Igreja Católica Romana Ucraniana (ICRU). Se esta tem um peso pouco significativo na sociedade ucraniana – cerca de 800 paróquias –, a IGCU constitui a segunda mais numerosa comunidade eclesial no país, com mais de 3000 paróquias e 10 milhões de fiéis.

A IGCU foi criada em 1596 graças à União de Brest, tentativa do Vaticano de unir ortodoxos e católicos (daí o nome de Uniata) numa só Igreja sob a direcção do Papa de Roma. Em conformidade com outra denominação sua (Greco-Católica), os uniatas conservam os seus ritos e língua litúrgica tradicionais, mas reconhecem a autoridade do Santo Padre e a dogmática católica.

O catolicismo de rito oriental foi alvo de várias tentativas de proibição. Em 1839, o czar russo Nicolau I – de cujo império fazia parte a Ucrânia – dissolveu o Sínodo da Igreja Greco-Católica, ordenando aos fiéis que optassem pela Igreja Ortodoxa Russa ou a Igreja Católica. Porém, a maioria dos uniatas não obedeceu a essa ordem.

Em 1945, a pretexto de os hierarcas uniatas terem colaborado com o nazismo alemão, o ditador soviético José Estaline dissolveu a IGCU. Em 1946, as autoridades comunistas organizaram o «Concílio de Lvov da Igreja Greco-Católica Ucraniana», que votou pela passagem dos seus fiéis para a Igreja Ortodoxa Russa.

Porém, os uniatas não acataram tal decisão e passaram à clandestinidade. No Concílio de Lvov não participou nenhum bispo uniata, tendo os pastores greco-católicos preferido os campos de concentração ou a emigração à colaboração com o regime comunista.

Até ao fim da ditadura soviética, os milhões de uniatas ucranianos viram-se obrigados a organizar cerimónias de culto clandestinas em casas particulares ou a frequentar os poucos templos católicos e ortodoxos russos que continuavam abertos.

Em 1990, o Comité para Assuntos Religiosos junto do Conselho de Ministros da Ucrânia legalizou os uniatas, que exigiram que a Igreja Ortodoxa Russa lhes devolvesse os numerosos templos que lhe tinham sido confiscados e entregues aos ortodoxos russos por José Estaline. Em 1945, a IGCU possuía mais de 4000 templos e capelas, seminários e uma Academia de Teologia.

Foi criada uma comissão, constituída por representantes do Vaticano, da Igreja Uniata, da Igreja Ortodoxa Russa e da Igreja Ortodoxa Ucraniana do Patriarcado de Moscovo, a fim de controlar a devolução dos templos confiscados aos uniatas e evitar conflitos. Porém, devido à morosidade do processo, os fiéis da Igreja Greco-Católica Ucraniana começaram a ocupar os edifícios de culto que lhe tinham sido tirados em 1945.

O Patriarcado de Moscovo reagiu bruscamente, acusando o Vaticano de estar por detrás das acções dos fiéis uniatas, interpretadas como uma ofensiva contra a IOUPM. Este constitui um dos principais atritos entre o Patriarcado de Moscovo e o Vaticano, mas não é o único no que respeita à situação criada em torno da IGCU. (Milhazes, 2005).

Vozes contestatárias

Como já era de esperar, este encontro provocou reacções negativas no seio da ala fundamentalista e nacionalista da Igreja Ortodoxa Russa. O arcipreste Vladislav Emilianov, pároco numa das regiões da Sibéria, considerou o encontro de Havana uma "traição":

> *"Os tristes e conhecidos acontecimentos levam-me a levantar a voz em apoio do clero e leigo ortodoxos não indiferentes, que lutam pela defesa dos dogmas e cânones da Igreja Ortodoxa… O encontro do patriarca Kirill com o papa provocou a sensação de traição"* (Emilianov, 2016).

O padre Alexei Morozov, pároco da região de Novgorod, membro da União de Escritores da Rússia e presidente da Assembleia da Intelectualidade Ortodoxa, ameaça mesmo com um cisma no interior da Igreja Ortodoxa Russa:

> *"Hoje, a nossa Igreja encontra-se no limiar de um cisma. Depois dos conhecidos acontecimentos religiosos do início de Fevereiro de 2016, numerosos paroquianos receiam entrar nos seus templos, confessar-se e comungar. Centenas de milhares de pessoas dirigem-se aos seus guias espirituais e perguntam o que fazer se o chefe da Igreja, a despeito dos cânones e da tradição ortodoxa, entrou em contacto aberto com os latinos e seu chefe: o Papa de Roma, e prega a heresia do ecumenismo como parte integrante da vida da Igreja"* (Alexei, 2016).

Alguns greco-católicos também ficaram descontentes com a própria ocorrência do encontro. O bispo Sviatoslav, chefe da Igreja Uniata (Greco-Católica) Ucraniana, comentou:

> *"Baseando-me na nossa experiência multissecular, posso afirmar: quando o Vaticano e Moscovo organizam encontros ou assinam textos comuns, não vale a pena esperar nada de bom deles".*

Comentando concretamente o parágrafo 25 da Declaração Conjunta:

> *"Esperamos que o nosso encontro possa contribuir também para a reconciliação, onde existirem tensões entre greco-católicos e ortodoxos. Hoje, é claro que o método do «uniatismo» do passado, entendido como a união duma comunidade à outra separando-a da sua Igreja, não é uma forma que permita restabelecer a unidade. Contudo, as comunidades eclesiais surgidas nestas circunstâncias históricas têm o direito de existir e de empreender tudo o que é necessário para satisfazer as exigências espirituais dos seus fiéis, procurando ao mesmo tempo viver em paz com os seus vizinhos. Ortodoxos e greco-católicos precisam de reconciliar-se e encontrar formas mutuamente aceitáveis de convivência",*

ele frisou:

> *"Sem dúvida que esse texto provocou uma total desilusão entre muitos crentes da nossa Igreja, e entre muitos cidadãos empenhados da Ucrânia. Hoje muitos dirigiram-se a mim a propósito e disseram-me que se sentem traídos pelo Vaticano, desiludidos com a meia-verdade desse documento"* (Sviatoslav, 2016)

Os uniatas consideram que a Igreja Ortodoxa Russa apoiou incondicionalmente a invasão da Crimeia por tropas russas em 2014 e as acções militares das tropas russas no Leste da Ucrânia.

Por conseguinte, é muito difícil prever como se irá desenvolver o diálogo entre Roma e Moscovo, mas não há dúvidas de que as duas Igrejas Cristãs terão de superar enormes obstáculos para se começar a falar de uma união num futuro longínquo. Por exemplo, não é previsível, nem a médio, nem a longo prazo, uma visita do Sumo Pontífice de Roma à Rússia. O mesmo se pode dizer de uma visita do Patriarca de Moscovo ao Vaticano. Muito irá depender também da evolução da política externa russa e dos seus objectivos.

Referências bibliográficas

Alexei (2016). Обращение священника Алексея (Мороза) (Apelo do sacerdote Alexei (Moroz). 17.02.2016, consultado online em http://protivkart.org/main/7677-obraschenie-svyaschennika-alekseya-moroza.html.

Declaração Conjunta (2016). Declaração conjunta do Papa Francisco e Patriarca Kirill. Revista Internacional de Comunhão e Libertação, 15-02-2016. , consultado online em http://passos.tracce.it/default.asp?id=344.

Declaração Conjunta (2016). Declaração conjunta do Papa Francisco e Patriarca Kirill. Revista Internacional de Comunhão e Libertação, 15-02-2016, consultado online em http://passos.tracce.it/default.asp?id=344.

Declaração Conjunta (2016). Ibidem.

Emelianov (2016). Открытое письмо настоятеля Свято-Троицкого храма г.Байкальска протоиерея Владислава Емельянова. Опубликовано 22 Февраль 2016. Движение "Сопротивление Новому Мировому Порядку" (Carta aberta do pároco do Templo da Santíssima Trindade da cidade de Baikalsk. Publicada a 26 de Fevereiro de 2016. Movimento "Resistência contra a Nova Ordem Mundial", consultado online em http://dsnmp.ru/otkryitoe-pismo-nastoyatelya-svyato-troitskogo-hrama-g-baykalska-protoiereya-vladislava-emelyanova/.

Federalnaia Slujba gossudarstvennoi statistiki (2011). Федеральная служба государственной статистики (2011) (Serviço Federal de Estatística), consultado online em http://www.gks.ru/bgd/regl/b11_34/IssWWW.exe/Stg/d01/01-40.htm.

Gubonin (1994). Губонин, Михаил. «Акты Святейшего Тихона, Патриарха Московского и всея России, позднейшие документы и переписка о каноническом преемстве высшей церковной власти. 1917—1943 гг.» (Gubonin, Mikhail. "Actas de Sua Santidade Tikhon, Patriarca de Moscovo e de Toda a Rússia, documentos e correspondência posteriores sobre a continuidade canónica do poder supremo na Igreja".

Kholmogorov (2016). Холмогоров, Егор. Третий Рим с Первым (против Второго) (Terceira Roma com a Segunda (contra a Terceira), consultado online em http://actualcomment.ru/tretiy-rim-s-pervym-protiv-vtorogo.html.

Levada Center (2012), consultado online em http://www.levada.ru/2012/12/17/v-rossii-74-pravoslavnyh-i-7-musulman/.

Lima, Pablo (2016). Havana, por graça de Deus, capital do ecumenismo. Diário do Minho, 11 de Fevereiro: 2.

Milhazes (2016). Milhazes, José). "Rússia-Europa: uma parte do todo". Fundação Francisco Manuel dos Santos. Lisboa: 23-24.

Milhazes, 2005. Milhazes, José. Ucrânia - O silêncio ecuménico. Revista Além-Mar, Setembro de 2005, consultado online em http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEFyVupFVlKbWKLMKS.

Mitropolita Ilarion (2015). "РПЦ: встреча патриарха и папы римского возможна "в ближайшей перспективе" (Igreja Ortodoxa Russa: encontro do Patriarca e do Papa é possível numa "perspectiva próxima", consultado online em http://tass.ru/obschestvo/2077547.

Mitropolita Ilarion (2016). 10 вопросов о встрече Патриарха Кирилла и Папы Франциска (10 perguntas sobre o encontro do Patriarca Kirill e do Papa Francisco) , consultado online em http://www.pravmir.ru/10-voprosov-o-vstreche-patriarha-kirilla-i-papyi-frantsiska/.

Rossiiskii Statistitcheskii ejegodnik, (2007). Российский статистический ежегодник (2007 г.) (Anuário de Estatísticas da Rússia, 2007), consultado online em http://www.gks.ru/bgd/regl/B07_13/IssWWW.exe/Stg/d02/08-11.htm.

Sviatoslav (2016). Закономерная разочарованность (Desilusão Esperada). Rossiskaia Gazeta. 14-02-2016, consultado online em http://www.rg.ru/2016/02/14/uniaty-nedovolny-deklaraciej-kotoruiu-podpisali-patriarh-i-papa-rimskij.html.

Ulozhionnaia gramota (1589). Уложенная грамота об учреждении в России Патриаршества, 1589 (Decreto de Criação do Patriarcado na Rússia, 1589).

Como citar esta Nota

Milhazes, José (2016). "O encontro de Francisco I e Kirill I: pequeno passo numa aproximação cheio de incertezas". Notas e Reflexões, *JANUS.NET e-journal of International Relations*, Vol. 7, Nº. 1, Maio-Outubro 2016. Consultado [online] em data da última consulta, observare.ual.pt/janus.net/pt_vol7_n1_not1 (http://hdl.handle.net/11144/2624)